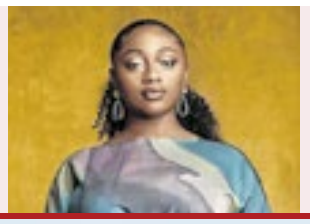
Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 1 a domingo, 3 de Agosto de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.822

Samara Joy, a moderna diva do jazz, de volta ao Rio
PÁGINA 3



Festu, um berço de talentos para o teatro brasileiro
PÁGINA 6

Morangos do amor, a delícia da vez no inverno carioca
PÁGINA 16

2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Alcione

Para aquecer A CIDADE

Paulinho da Viola

Teresa Cristina

Marina da Glória recebe o último fim de semana do Enel Festival de Inverno Rio com 15 atrações musicais

Caetano Veloso

Frejat

Liniker

Os Garotin

Por Affonso Nunes

A provisão do tempo no Rio para este fim de semana indica que podemos ter temperaturas de 16° graus à noite. Mas a oitava edição do Enel Festival de Inverno Rio chega a seu segundo fim de semana na Marina da Glória com um line-up capaz de aquecer a alma. Serão ao todo 15 atrações musicais de sexta a domingo (1 a 3) numa estrutura montada diante exuberante paisagem da Baía de Guanabara.

Na sexta, Liniker apresenta sua turnê Caju, que inclui sucessos como "Tudo" e "Veludo Marrom". O pagodeiro Ferrugem celebra dez anos de carreira com clássicos como "Pirata e Tesouro", enquanto Pedro Sampaio promete transformar a noite em pista de dança com "Dançarina" e releituras de sucessos do pagode e axé.

O sábado será dedicado ao samba com Paulinho da Viola no show "Quando o Samba Chama", interpretando "Foi um Rio que Passou em Minha Vida", "Argumento" e outras pérolas de seu repertório. Teresa Cristina estreia no festival com "Jessé - As Canções de Zeca Pagodinho", projeto que antecipa álbum em homenagem ao sambista. Vanessa da Mata apresenta repertório do disco "Vem Doce", enquanto o premiado trio Garotin navega entre soul, MPB e R&B.

No domingo, Caetano Veloso comanda a noite com mais de 20 canções, incluindo "Alegria, Alegria" e "Reconvexo". Alcione traz sucessos como "A Loba" e novidades do álbum homônimo em show com particupação da Velha Guarda da Mangueira, enquanto Frejat reúne sucessos da carreira solo e revisita a lendária parceria com Cazuza em "Exagerado" e "Pro Dia Nascer Feliz".

SERVIÇO

ENEL FESTIVAL DE INVERNO RIO
1 a 3/8
Marina da Glória
Ingressos a partir de R$ 360 e e R$ 180 (pista meia entrada)

Fernando Young/Divulgação

CORREIO CULTURAL

‘Ainda Estou Aqui’ domina o Prêmio Grande Otelo: 13 troféus

Academia Brasileira de Cinema/Divulgação

O realizador Walter Salles com o troféu de Melhor Direção

O cinema brasileiro celebrou uma noite histórica nesta quarta-feira (30) com a entrega do Prêmio Grande Otelo 2025, que consagrou “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, como o grande fenômeno da temporada.

O drama protagonizado por Fernanda Torres e Selton Mello conquistou nada mais nada menos do que 13 troféus, estabelecendo um novo marco na premiação mais importante do audiovisual nacional.

A cerimônia, realizada na Cidade das Artes Bibi Ferreira, reuniu o que há de mais representativo na produção cinematográfica contemporânea do país.

Um recorde

O filme conquistou as principais categorias: Melhor Longa-metragem Ficção, Melhor Direção, Melhor Atriz e Melhor Ator de Longa-metragem, além de reconhecimentos técnicos em Roteiro Adaptado, Montagem, Direção de Fotografia, Efeito Visual, Figurino, Trilha Sonora, Direção de Arte, Maquiagem e Som.

Emocionada

Ao receber seu troféu, Fernanda Torres emocionou-se ao relembrar a jornada internacional do filme. “Ainda Estou Aqui começou no Rio de Janeiro e me sinto muito realizada tendo dado a volta ao mundo com Walter, Selton, com o filme, com Eunice para estar aqui hoje, de volta. Eu estou muito feliz de ir para casa com o Grande Otelo!”.

O melhor novato

O reconhecimento se estendeu a outras produções significativas da safra 2024. Pedro Freire foi duplamente premiado por “Malu”, vencendo nas categorias de Melhor Roteiro Original e Melhor Primeira Direção de Longa-metragem.

Outros destaques

Juliana Carneiro da Cunha também foi reconhecida como Melhor Atriz Coadjuvante pelo mesmo filme, enquanto Ricardo Teodoro levou o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante por “Baby”. Gabriel Leone foi o melhor ator em séries por seu desempenho em “Senna”.

Divulgação

A Banda Sinfônica Nacional, com regência do maestro Geraldo Magela

Uma nação **de ritmos**

CCBB Rio recebe série gratuita que percorre tradições folclóricas de todas as regiões do país

Por **Affonso Nunes**

O Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro se transforma em palco de uma jornada musical pelo território nacional com o projeto Sons do Brasil, que começa nesta sexta-feira (1º) e vai até o dia 10. O projeto é uma experiência cênica que conecta público e artistas através das sonoridades regionais brasileiras, apresentadas pela Banda Ginga Tropical em seis espetáculos distintos.

A programação desenha um mapa sonoro do país, começando pela abertura com a Banda Sinfônica Nacional, sob regência do maestro Geraldo Magela, que apresenta um panorama musical de todas as regiões. Cada apresentação subsequente se dedica a uma região específica, revelando particularidades rítmicas e coreográficas que compõem o mosaico cultural brasileiro. “O Brasil é plural e possui uma variedade de culturas, sotaques, ritmos e tradições, que compõem a identidade brasileira. Sons do Brasil é um convite à celebração da riqueza cultural brasileira, destacando a importância da música e dos sons e danças regionais como expressões dessa diversidade”, explica Sérgio da Costa e Silva, diretor do projeto e presidente do Instituto Cultural Música no Museu.

A curadoria de Rose Oliveira, CEO da Companhia de Cultura Ginga Tropical, estrutura os espetáculos como uma narrativa histórica que entrelaça as heranças dos povos originários, africanos e europeus. O resultado é um sincretismo que se manifesta em ritmos como lambada, carimbó, xaxado, forró, frevo, maculelê, capoeira e bossa nova, entre outros. “Sons do Brasil é um passeio rítmico com danças típicas e sonoridades que vão da Lambada, Carimbó, Xaxado, Forró, Frevo, Maculelê, Capoeira, Dança dos Orixás, Boleadeiras (RS), Bossa Nova, Samba de Gafieira, o carnaval mundialmente conhecido e muito mais. Os artistas emprestam seus corpos, com integridade, para que todos conheçam a felicidade do povo brasileiro, superando estereótipos e com foco nas culturas locais”, afirma a curadora.

A região Norte ganha destaque através das influências indígenas amazônicas e do sincretismo religioso que se manifesta em celebrações como a Congada, o Círio de Nazaré e a Marujada de Bragança, além do Marabaixo quilombola do Amapá, culminando na representação do Festival de Parintins.

O Nordeste se apresenta através do samba de roda, xote, baião, frevo, xaxado e maracatu, evidenciando tanto a religiosidade das festas juninas de tradição europeia quanto o carnaval com axé de matriz africana.

A região Sul traz as rabecas e violas da Península Ibérica, conectadas às tradições das lendas contadas ao redor das fogueiras, enquanto o Centro-Oeste se expressa através do rasqueado do ponteio e dos sons da viola e sanfona pantaneiros.

O Sudeste encerra a série musical destacando sua contribuição histórica para a música brasileira, desde os choros e chorões como Pixinguinha, Benedito Lacerda, Patápio Silva, Altamiro Carrilho e Villa-Lobos, passando pela ópera de Carlos Gomes, pelo samba-enredo das escolas de samba até a bossa nova. Cada apresentação conta com bailarinos que interpretam danças regionais em figurinos específicos, criando uma experiência visual que complementa a dimensão sonora dos espetáculos.

SERVIÇO

SONS DO BRASIL
Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primiero de Março, 66 - Centro)
De 1 a 10/8, às sextas (12h30), sábados e domingos (16h)
Grátis

A joia ascendente do jazz mundial

Multipremiada aos 25 anos, Samara Joy é figura central na renovação do gênero. Cantora se apresenta neste sábado no Vivo Rio

Por **Affonso Nunes**

Divulgação

O público carioca tem neste sábado (2) a agradável oportunidade receber uma atração de jazz da primeiríssima linha. Samara Joy, cantora e compositora estadunidense que acaba de conquistar o Grammy 2025 na categoria “Melhor Álbum Vocal de Jazz” com “A Joyful Holiday”, abre, no palco do Vivo Rio, a progamação 2025 da série Queremos! Jazz.

Aos 25 anos, Samara Joy é dona de uma trajetória meteórica que impressiona pela consistência e qualidade artística. Desde que iniciou sua carreira profissional, a artista conquistou todos os cinco prêmios Grammy que disputou, estabelecendo-se como uma das vozes mais importantes da nova geração do jazz mundial. Em 2023, ela já havia chamado atenção ao vencer o prêmio de “Revelação do Ano” do Grammy, superando artistas de gêneros como R&B, hip-hop e pop, incluindo a brasileira Anitta.

Em seguidas entrevistas, a cantora demonstra grande admiração pela música brasileira, expressando seu desejo de conhecer mais o país e seus artistas. Tanto que no último dia 27, lançou uma versão de “Flor de Lis (Upside Down)”, clássico do repertório de Djavan, cantando em português e inglês num arranjo elegante assinado pelo baterista Evan Sherman.

“Apesar de contar uma história de cortar o coração, a letra poética e a bela melodia me tocaram imediatamente. Tive a oportunidade de cantá-la no Rio durante minha primeira viagem lá, há mais de um ano, e ouvir o público cantando em harmonia só reforçou a importância dessa canção para a música e a cultura brasileiras”, conta Samara, revelando que o single foi gravado durante as sessões de seu álbum mais recente, “Portrait” (2024), projeto que consolidou Samara como um dos maiores nomes do jazz na atualidade.

A trajetória da cantora nascida no Bronx revela uma formação sólida que combina tradição e modernidade no gênero. Iniciada no coral gospel da igreja, Samara desenvolveu uma abordagem única que mescla a herança clássica do jazz com elementos contemporâneos do R&B. Uma fusão que se expressa numa voz potente.

Seu disco de estreia homônimo, lançado em 2021, já demonstrava maturidade artística excepcional para uma jovem intérprete. No ano seguinte, com “Linger Awhile”, Samara provou sua capacidade de lidar com repertórios clássicos através de interpretações sofisticadas como “Sweet Pumpkin”, de Ronnell Bright, além de ousar na construção de novas letras para solos de jazz improvisados, como em “Nostalgia”, de Fats Navarro.

“Portrait” representa seu lançamento mais impactante até o momento e seu repertório será a base de seu show no Vivo Rio. A obra tem sido amplamente elogiada por veículos especializados como NPR e Pitchfork, além do tradicional New York Times.

Desde sua última passagem pelo Rio, em 2023, a cantora tem surpreendido crítica e público com shows esgotados ao redor do mundo e uma presença marcante nas redes sociais, onde cultiva uma legião crescente de fãs. Sua capacidade de conectar-se com diferentes gerações de ouvintes reflete a universalidade de sua proposta artística, que consegue tornar o jazz num estilo acessível. A própria cantora admite que demorou a encontrar o jazz, mas afirma que sua jornada prova que mais e mais jovens podem se interessar por ele.

“As pessoas não precisam passar em uma prova para dizer que gostam de jazz ou ter muito dinheiro (risos). É acessível. Também há muitos comentários do tipo: ‘Precisamos salvar o jazz...’ Apenas mostre a música às pessoas, leve instrumentos às escolas, convide para um show... apenas mostre que está lá”, disse a cantora em entrevista durante sua última vinda ao Brasil.

“Estamos entusiasmados em apresentar o Queremos! Jazz, um projeto que celebra a vitalidade e a diversidade do jazz contemporâneo. A estreia com Samara Joy, uma artista de talento inigualável, personifica a nossa busca por trazer ao público experiências musicais únicas e inovadoras”, destaca Pedro Seiler, diretor do Queremos! ao lado de Felipe Continentino.

A nova série não se limitará à apresentação de Samara Joy. Em setembro, o palco carioca receberá outros dois gigantes da cena internacional: o multi-instrumentista britânico Jacob Collier, no dia 10, e o coletivo americano Snarky Puppy, no dia 17. A programação evidencia a ambição do projeto em mapear diferentes vertentes do jazz contemporâneo, desde abordagens mais tradicionais até experimentações que dialogam com outros gêneros musicais.

SERVIÇO

SAMARA JOY
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) | 2/8, às 21h
Ingressos a partir de R$ 200 e R$ 100 (meia-entrada/setor 4)

Clarice Falcão em **modo pista**

Atriz e cantora se une ao produtor Lucas de Paiva para show que mistura house dos anos 1990 com suas letras afiadas no Manouche

Por **Affonso Nunes**

Divulgação

Clarice Falcão e Lucas de Paiva retomam parceria musical em 'Episódio Especial', que estreia nesta sexta

Clarice Falcão abandona temporariamente o formato tradicional de seus shows para se aventurar nas pistas de dança. A cantora, compositora e atriz se une ao produtor Lucas de Paiva, colaborador de seus dois últimos álbuns, no projeto "Episódio Especial", que estreia nesta sexta-feiura (1º), no Manouche. A apresentação marca uma guinada sonora da artista em direção à música eletrônica, mas mantendo a personalidade irreverente que a consagrou.

O novo trabalho mergulha no universo do house dos anos 1990, combinando as letras afiadas e bem-humoradas características de Clarice com os arranjos de Lucas de Paiva, conhecido pelo projeto solo "Pessoas que Eu Conheço".

"É um convite para rir, sentir e dançar — tudo ao mesmo tempo", define Clarice, ao falar da proposta do espetáculo, que representa uma nova faceta de sua trajetória artística que transita entre diferentes linguagens artísticas, passando pelo teatro e o cinema.

Sua jornada musical começou com "Monomania" (2013), álbum de estreia que a levou à indicação ao Grammy Latino de artista revelação. Desde então, Clarice percorreu diferentes territórios sonoros e temáticos: a sinceridade ácida de "Problema Meu" (2016), a entrega sem filtros de "Tem Conserto" (2019), até a narrativa fragmentada do álbum visual "Truque" (2024). Agora, ao lado de Lucas de Paiva, ela explora um novo formato de apresentação, mantendo o alto teor de sarcasmo e bom humor que a consolidaram como uma das compositoras mais originais de sua geração.

A parceria com Lucas não é novidade para Clarice, já que o produtor participou da criação de seus dois trabalhos mais recentes, trazendo para o "Episódio Especial" a experiência acumulada nessas colaborações.

SERVIÇO

CLARICE FALCÃO E LUCAS DE PAIVA - EPISÓDIO ESPECIAL

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese)

1/8, às 21h | Ingressos: R$ 160 e R$ 80 (meia solidária, com doação de 1kg de alimento ou livro)

Rebeldes e independentes

Áudio Rebel recebe nesta sexta o rock alternativo das bandas Kaê, Ladrão e Trama

Reprodução Facebook

Criada em 2015 no Méier, a Trama mescla rock, soul, funk e samba

A Áudio Rebel, conhecida por abrigar apresentações da cena musical independente do Rio, promove nesta sexta (1ª) uma noite dedicada ao rock independente carioca. O evento, idealizado pelo selo Pulsar Music, reunirá três bandas que representam diferentes vertentes do gênero.

A programação terá início com Kaê, projeto que se destaca por composições que mesclam peso sonoro e melodias elaboradas. O trabalho da banda explora territórios emocionais intensos, construindo uma sonoridade que dialoga com as correntes mais viscerais do rock atual. A proposta musical do grupo que vem se destacando na cena independente carioca é equilibrar a força dos arranjos com a sensibilidade melódica.

Em seguida, sobe ao palco a banda Ladrão, conhecida por um som mais direto e letras que abordam questões sociais e existenciais sem papas na língua. O grupo privilegian a energia bruta e visceral do rock e se destaca pela presença de palco e pelo contato vibrante com a plateia.

Fechando a noite, a Trama apresenta um trabalho que transita entre referências clássicas do rock e experimentações contemporâneas com arranjos ousados e elaborados, sempre buscando expandir os limites tradicionais do estilo e incorporando elementos de outras linguagens musicais como o funk, soul e samba. Depois de sete anos de estrada e resistência no circuito musical, a banda lançou em 2022 o álbum "salve Geral". **(A.N.)**

SERVIÇO

KAÊ | LADRÃO | TRAMA

Áudio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 – Botafogo) | 1/8, a partir das 20h

Ingressos: R$ 30 e R$ 20 (antecipado)

Baleiro e Carmen **por Cordeiro**

Contratenor leva ao Rival Petrobras dois shows totalmente diferentes nesta sexta e sábado

Por **Affonso Nunes**

Fenômeno vocal surgido nos anos 1990, Edson Cordeiro marca sua volta aos palcos cariocas nesta sexta e sábado (1º e 2) com dois projetos distintos que celebram sua versatilidade. Na sexta, ele sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras com um tributo especial a Carmem Miranda. Na noite seguinte, interpreta o cancioneiro do cantor e compositor Zeca Baleiro.

O show "Edson Cordeiro canta Carmen Miranda" estreou na Europa em 2007 e só agora chega ao Brasil. Para esta homenagem, o contratenor será acompanhado pelo Trio Gato com Fome, formado por Cadu Ribeiro (pandeiro e voz), Gregory Andreas (cavaquinho e voz) e Renato Enoki (violão 7 cordas e voz), grupo dedicado à pesquisa do samba. O repertório inclui pérolas da Pequena Notável como "Tico-tico no fubá", "South American Way", "Adeus batucada", "Uva de caminhão" e "Bambo de bambú".

No sábado, o cantor apresenta o espetáculo "Ouve a minha voz [Cordeiro canta Baleiro]", projeto que marcou o retorno de Cordeiro ao Brasil após anos vivendo na Alemanha. As canções de Baleiro se alinham à extensão vocal única de Cordeiro. Um contratenor é a mais aguda das vozes masculinas, que utiliza o falsete para alcançar notas de uma contralto ou mezzo-soprano feminina.

Entre as faixas do álbum que dá nome ao show, destacam-se "O Canto em Nós", "Quase Nada", a já citada "Eu Te Admirava Mais" e a impagável "Heavy Metal do Senhor". Acompanhado por Eron Guarnieri no teclado, Cordeiro entrega sua marca registrada: uma performance teatral que transforma cada canção em um pequeno drama musical, potencializada pela rara técnica vocal que o consagrou.

Necka Ayala/Divulgação

Edson Cordeiro mostra todo o seu ecletismo em duas noites

SERVIÇO
EDSON CORDEIRO
1/8, às 19h30: Edson Cordeiro Canta Carmen Miranda
2/8, às 19h30: Ouve a Minha Voz (Cordeiro Canta Baleiro)
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, (Cinelândia)
Ingressos a partir de R$ 80

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Cezar Fernandes/Divulgação

MPB+jazz+blues

O projeto "Cajazz & Umblues" oferece duas apresentações gratuitas nesta sexta (1º), no Centro de Referência da Música Arthur da Távola, e no domingo (3), no Vale Criativo, em Visconde de Mauá. O renomado gaitista Jefferson Gonçalves (foto) se apresenta com o Bittencourt Duo (irmãos Júlio e Luciano) em repertório que inclui releituras de Hermeto Pascoal, Mel Tormé e Milton Nascimento.

Júlia Assis/Divulgação

Tarô inspirador

Destaque da novíssima geração do blues brasileiro, a cantora e compositora Sonja apresenta neste sábado (2), às 20h, no Blue Note Rio, as faixas de seu segundo álbum, "Rainha de Copas". Com 13 faixas autorais que falam das experiências pessoais da artista carioca, o trabalho, inspirado em leitura de tarô, explora temas de autoconhecimento e espiritualidade através de composições autobiográficas.

Divulgação

Nossos tesouros

O projeto "Coração Brasileiro" se apresenta domingo (3), às 19h, no Blue Note Rio. O encontro entre o trompetista Silvério Pontes e o pianista Antônio Guerra, com participação da saxofonista Daniela Spielmann, celebra a diversidade musical brasileira. O repertório percorre choro, samba, forró e música gaúcha. O show exalta a riqueza cultural do país com arranjos que destacam gêneros populares tradicionais.

Divulgação

Abrindo turnê

Antonio Villeroy retorna ao Brasil para turnê do show "Cenas Extraordinárias", que estreia nesta sexta (1º), às 20h, no Dolores Club, apresentando sucessos e inéditas do livro "Cadernos de Viagem". Entre as novas canções estão "Panelinha de Pressão" e "Língua Viva". Com 44 anos de carreira e mais de 130 artistas gravando suas músicas, ele interpreta hits como "Pra Rua Me Levar" e "Recomeço".

Divulgação

A festa dos novos talentos

Anualmente, o Festu apresenta montagens inéditas de esquetes produzidos por estudantes de todo o país

Teatro Carlos Gomes recebe neste fim de semana mais uma edição do Festival de Teatro Universitário, o Festu

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Criado em 2010, o Festival de Teatro Universitário (Festu) celebra em 2024 sua 15ª edição consolidado como um dos principais polos de formação artística do Brasil. Com um histórico de revelação de talentos e de incentivo à produção teatral independente, o Festu é mais que um festival — é um movimento cultural transformador. Este ano, o evento será realizado de de sexta a domingo (1 a 3) no icônico Teatro Carlos Gomes e apresentará ao público 16 esquetes inéditos selecionados entre mais de 300 inscrições de todo o país.

Voltado principalmente a jovens artistas universitários, o Festu tornou-se um celeiro de novos nomes das artes cênicas. Ao longo de 15 anos, milhares de estudantes já participaram direta ou indiretamente das ações do festival, seja no palco, na plateia ou em oficinas formativas. Diversos atores, atrizes e diretores que hoje estão no teatro profissional ou na televisão começaram suas trajetórias no evento, o que reforça seu papel como vitrine de talentos e acelerador de carreiras.

A programação deste ano inclui a participação inédita de sete grupos compostos por artistas trans, periféricos e integrantes das houses da comunidade Ballroom, em sintonia com o compromisso do festival com a inclusão e a diversidade. A jurada Alitta, primeira atriz travesti indicada ao Prêmio Shell, foi fundamental para essa abertura, indicando a presença desses corpos no palco como reflexo de uma nova cena teatral.

Os 16 esquetes concorrem a duas importantes premiações: R$ 30 mil para o Melhor Esquete, definido pelo júri técnico, e R$ 15 mil para o esquete eleito pelo voto popular. Esses valores funcionam como patrocínio direto à montagem de espetáculos completos, transformando ideias embrionárias em obras teatrais estruturadas. Desde 2010, mais de R$ 800 mil já foram investidos na realização de 22 espetáculos através dessas premiações. Um exemplo emblemático é o espetáculo "Menina Mojubá", que surgiu como esquete e percorreu palcos lotados no Rio de Janeiro.

Para garantir que esses recursos sejam utilizados de maneira estratégica, o festival criou o programa Festu Investe, voltado à educação financeira dos grupos vencedores. A iniciativa fornece orientações sobre planejamento, orçamento e gestão dos projetos, uma ferramenta essencial para a sustentabilidade das criações num cenário de escassos financiamentos culturais no país.

Outro destaque da edição de 2024 é o projeto social Festu nas Escolas, que oferece aulas regulares de teatro para 60 crianças da Escola Municipal Marechal Esperidião Rosas, no bairro do Caju, no Rio de Janeiro. O projeto é conduzido por Maitê Haikal, ex-participante do Festu, e já é parte fundamental da formação cultural e cidadã dos alunos. Neste ano, 45 crianças do 5º ano vão subir ao palco do Teatro Carlos Gomes no dia 3 de agosto, com a esquete "A Nova Roupa do Rei", vivenciando pela primeira vez a experiência de se apresentar em um grande teatro.

O Festu também se destaca pela curadoria rigorosa de seu júri, que ao longo dos anos contou com nomes como Marília Pêra, Milton Gonçalves, Miguel Falabella, Lília Cabral e Wolf Maya. Este ano, a bancada será composta pelos artistas Inez Viana, Ticiana Passos, Juliana Caldas, Pedro Emanuel e Natália Lana, garantindo que os trabalhos apresentados sejam analisados com sensibilidade, experiência e pluralidade.

Para os organizadores, patrocinadores e participantes, o Festu vai muito além de um festival: ele representa a força da juventude, da educação e da cultura popular. Como resume Ana Paula Brasil, gerente de Valor Social da Rede Globo, "o Festu é um espaço de inovação, de criatividade e de permanente renovação".

Aberto ao público e com entrada gratuita, o festival, produzido pela Araucária Agência Cultural, é acima de tudo, uma ponte entre o presente e o futuro do teatro brasileiro.

SERVIÇO
15º FESTU – A FESTA DO TEATRO
Teatro Municipal Carlos Gomes (Praça Tiradentes, sn°, Centro)
De 1 a 3/8, sexta (19h) e sábado e domingo (17h)
Entrada franca, com ingressos distribuídos duas horas antes das apresentações

CRÍTICA / TEATRO / RITA LEE UMA AUTOBIOGRAFIA MUSICAL

Rita foi **encontrar o amor**

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Rita Lee encontrou o amor e nos ensinou a amá-la. Esse amor transborda na atuação de Mel Lisboa, que não apenas interpreta, mas incorpora Rita com alma e verdade. Mel não imita: sente — e faz sentir. Sua voz doce e firme emociona em cada canção, dando nova vida às letras que marcaram gerações. A direção de Débora Dubois e Márcio Macena constrói um espetáculo ágil, dinâmico e coerente, com transições suaves entre cenas e narrativa crescente.

O tom irônico e afiado de Rita é preservado com inteligência, compondo um retrato sensível do Brasil cultural e político da segunda metade do século XX.

O elenco é afiado. Bruno Fraga vive Roberto de Carvalho com emoção. Fabiano Augusto dá vida a Ney Matogrosso, Carol Portes interpreta a Censora Solange, Débora Reis brilha como Hebe Camargo, e Flavia Strongolli emociona como Elis Regina. Outros destaques são Yael Pecarovich (Gal Costa), Antonio Vanfill (Arnaldo Baptista e Charles Lee), Gustavo Rezende (Raul Seixas) e Roquildes Junior (Gilberto Gil). Os swings Priscila Esteves e Lui Vizotto completam o elenco com versatilidade.

Divulgação

Mel Lisboa dá brilho vida e intensidade à sua Rita Lee

A dramaturgia foge da cronologia tradicional e integra as músicas como elementos dramáticos. As canções são extensões do texto e traduzem com força os dilemas de Rita em cada fase de sua vida. É uma escolha narrativa poderosa e eficiente.

A pesquisa de Guilherme Samora embasa o roteiro com consistência histórica e sensibilidade. A direção musical de Marco França e Márcio Guimarães respeita os clássicos e entrega arranjos vibrantes. Figurinos de Carol Lobato e Giu Foti recriam épocas com autenticidade e charme. A iluminação de Wagner Pinto e as projeções visuais ampliam a cena com imagens impactantes, sem sobrecarregar o palco. Cada elemento no lugar certo.

"Rita Lee - Uma Autobiografia Musical" é um ato de amor à liberdade, à arte e à memória. Um espetáculo que emociona, diverte, instiga e celebra a mulher que reinventou o rock brasileiro com coragem e irreverência. Salve Rita. Salve Mel. Salve o teatro musical brasileiro!

SERVIÇO
RITA LEE - UMA AUTOBIOGRAFIA MUSICAL
Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290A, Leblon)
Até 3/8, sexta e sábado (20h) e domingos (18h)
Ingressos esgotados

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Divulgação

Trajetória revisitada

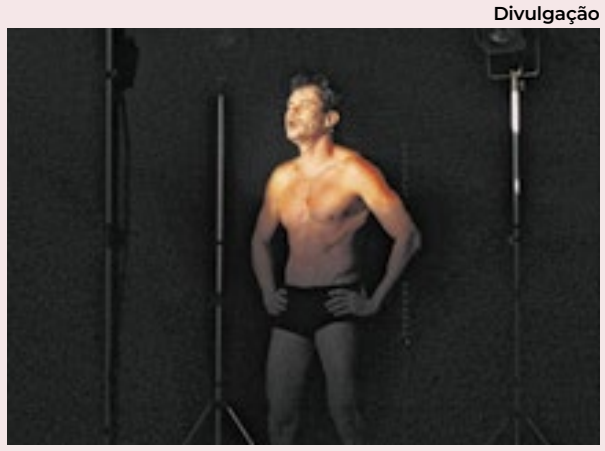
A Companhia de Arte Popular encena o espetáculo "De Repente 27" neste sábado (2) no Teatro Sesi Caxias. O espetáculo celebra os 27 anos do grupo teatral da Baixada Fluminense, revisitando sua trajetória através de memórias e momentos marcantes. Dirigido por Vinicius Baião, vencedor do Prêmio Shell, a montagem destaca a essência da companhia formada por artistas acima de 55 anos. O grupo é considerado referência teatral na região metropolitana, tendo influenciado gerações de atores locais ao longo de quase três décadas de atividade artística.

Na era de Aquarius

A versão brasileira do musical "Hair" segue em cartaz no Teatro Riachuelo até 21 de setembro, com sessões de quinta e sextas, às 20h; sábados, às 16h e 20h; e aos domingos, às 15h. A montagem deste clássico dos anos 1960 conta com elenco de 30 atores, sendo um terço selecionado em audições abertas que atraíram milhares de candidatos. O espetáculo apresenta sucessos como "Aquarius" e "Let the Sunshine In", mantendo vivo o legado da obra original, um marco da contracultura.

Divulgação

Divulgação



Contos da solidão

O monólogo "Selva: Solidão" está em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal ate 24 de agosto, de sexta a domingo, às 19h. A dramaturgia assinada por Jefferson Almeida tem Vinicius Teixeira interpretando três personagens LGBTQIAPN+ que têm as suas vidas cruzadas. Esta é a terceira temporada da peça no Rio, após apresentações anteriores na capital e em Nova Friburgo. "Toda essa trajetória nos permitiu entrar com contato com públicos diversos, estabelecer diálogos consistentes, e perceber como o público se identifica e se emociona com a peça", conta Vinicius.

Gal Oppido/Divulgação

Caixa Cubo

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

SHOW

CAIXA CUBO

✱Presença constante em alguns dos maiores palcos de jazz da Europa, o trio paulistano mostra os temas do álbum "Agôra" (2023), apontando nova direção para o jazz brasileiro. Sex (1), às 19h. Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100 - Centro). Grátis

ANDRÉA VEIGA

✱Atriz e cantora apresenta o show "Diz que fui por aí!", homenagem à inesquecível Nara Leão. Sex (1), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R$ 60

CARTOLA, NELSON E NOEL

✱Rosa Maria, Marília Trindade Barboza e Reizilan Neto cantam pérolas de três pilares do samba. Sáb (2), às 17h. Centro da Música Artur da Távola (Rua Conde de Bonfim, 824). R$ 40 e R$ 20 (meia)

TEATRO

A LUA VEM DA ASIA

✱Mergulho cênico de Chico Diaz no universo do romancista e cronista Campos de Carvalho (1916-1998), mestre do surrealismo à brasileira. Até 31/8, sáb (20h30) e dom (19h30). Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º andar). R$ 120 e R$ 60 (meia)

VEIAS ABERTAS 60 30 15

✱A Aquela Cia. celebra 20 anos transformando a densa obra "As Veias Abertas da América Latina", do uruguaio Eduardo Galeano, em musical que celebra a resistência através da festa. Até 10/8, qui a dom (20h30). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). R$ 30, T$ 15 (meia) e R$ 10 (associado do Sesc)

TAKOTSUBO, CORAÇÃO PARTIDO

✱Mulher aprende a se respeitar após longa relação abusiva. Até 3/8, sáb (19h) e dom (18h). Casa de Cultura Laura Alvim - Teatro Rogério Cardoso (Av. Vieira Souto, 176). R$ 60 e R$ 30 (meia)

PEDRINHAS MIUDINHAS

✱Um mergulho na cultura popular brasileira. Inspirado no livro homônimo do escritor e historiador Luiz Antônio Simas. Até 7/8, sex a seg (19h). Teatro III - CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). R$ 30 e e R$ 15 (meia)

Ligia Jardim/Divulgação

Veias Abertas 60 30 15

NINGUÉM ME ENSINOU A MORRER

✱Olhar angustiado sobre a incerteza da juventude preta e periférica de sobreviver a cada noite diante da violência contra seus corpos. Até 3/8, sáb (19h) e dom (17h). Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá (Av. Geremário Dantas, 940 - Freguesia). R$ 40 e R$ 20 (meia)

A COISA

✱André Dale, George Sauma e Leandro Soares dividem concepção, direção e atuação de uma comédia que dialoga diretamente com as ansiedades do mundo atual através de distopias que povoam o imaginário de séries televisivas inquietantes como "Black Mirror". Ate 3/8, sex a dom (20h). Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Morais, 824). R$ 60 e R$ 30 (meia)

Marcelo Cortes/Divulgação

Takotsubo, Coração Partido

Divulgação

CORpo Manifesto

Divulgação

Pedrinhas Miudinhas

Adriana Marchiori/Divulgação

Puli-Pulá

Divulgação

Rio Acima

EXPOSIÇÃO

ANCESTRAL: AFRO-AMÉRICAS

✱Mostra reúne artistas africanos, brasileiros e dos EUA. Até 12/8, qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

RIO ACIMA

✱Imersão na cosmologia do povo Kuikuru pelo olhar de três artistas. Até 12/10. Galeria de Arte do Sesc Niterói (Rua Padre Anchieta, 56 - São Domingos). Grátis

CORpo MANIFESTO

✱Sérgio Adriano H reúne fotoperformance, escultura, pintura, instalação e vídeo. Até 15/9, ter a dom (9h às 21h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

FACES

✱Carla Carvalhosa apresenta 15 trabalhos, revelando as múltiplas faces de sua arte. Até 15/8, seg a sáb (7h às 21h30) e domingos (8hs às 20h30). Capitu Café (Rua Cosme Velho, 174). Grátis

FRESTAS

✱A artista Renata Tassinari apresenta quatro décadas de uma trajetória dedicada à investigação das fronteiras entre pintura e escultura. Até 22/9, ter a dom (9h às 21h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

NOTÍCIAS DO BRASIL

✱Um Brasil popular através do dia a dia de seus habitantes. Até 30/8, ter a dom (10h às 20h). Sesc Tijuca (R. Barão de Mesquita, 539). Grátis

PAISAGENS E PESSOAS

✱Imagens que retratam a chegada do desenhista Jean-Baptiste Debret ao Rio nos tempos do Brasil Colonial através de paisagens, representações da indumentária, comida, trabalho e vida social no século XIX. Até 29/9, de qua a seg. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

HÃMXOP TUT XOP

✱Exposição inédita na cidade apresenta os trabalhos do povo Maxakali, a única etnia indígena de Minas Gerais que preserva integralmente sua língua ancestral, a partir da fibra da embaúba. Até 28/9, ter a sex (10h às 18h) sáb, dom e fer (11h às 17h) Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rua do Catete, 179). Grátis

GALERIA PROVISÓRIA

✱Anderson Thieves criou no estacionamento de um shopping ambientes cenográficos que reúnem suas obras de pop art. Seg a sáb (10h às 22h) e dom (13h às 21h). Via Parque Shopping - Piso L2 (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra). Grátis

INFANTIL

JORNADA DO PEQUENO PRÍNCIPE

✱Mostra imersiva no universo do escritor e aviador francês Antoine Saint-Exupéry (1900-1944) e seu mais célebre personagem. Até 22/8, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Parque Estadual (Av. Pres. Vargas, 1261). Grátis, com retirada de ingressos online via Sympla

PULI-PULÁ

✱O Grupo Cerco (RS) leva à cena uma das mais antigas tradições populares que move gerações de diversas culturas: o pular corda. No espetáculo o espectador é convidado a mergulhar em um universo lúdico e a brincar com o elenco em cena. Sáb (2), às 15h. Teatro Municipal Carlos Werneck de Carvalho (Parque do Flamengo). Grátis

MODELANDO CAMINHOS

✱Adultos e crianças são convidados a refletir e criar, por meio da modelagem, formas simbólicas de pés e calçados, representando suas próprias histórias e ancestralidades coletivas. Até 1/9. Sáb e fer (15h e 17h), Dom (11h, 15h e 17h. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

Acervo pessoal

Aldo Baldin superou a infância pobre no interior catarinense e um início de carreira difícil no Rio para se firmar como grande nome do canto lírico em solo europeu

O rouxinol de **Urussanga**

Documentário resgata o legado de sucesso do cantor lírico Aldo Baldin, catarinense que fez da música clássica um aríete para desbravar os palcos do mundo

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Cálculos do IBGE atestam que Urussanga, em Santa Catarina, ocupa uma área de 254,9 km² - a cerca de duas horas e 15 minutos, de carro, de Florianópolis - na qual vivem 21.395 pessoas, tendo como parte essencial de seu patrimônio o canto de Aldo Baldin (1945-1994). Na web, é fácil encontrar uma performance do tenor catarinense, gravada em 1987, testando a extensão (e ponha extensão nisso!) de sua voz, a serviço de Bach. No YouTube, encontra-se um LP dele, acompanhado pelo pianista Paul Dan, a passear por Schubert, Brahms e Strauss.

A trajetória do cantor lírico brasileiro na cena musical europeia, sobretudo na Alemanha, vai mobilizar as salas de cinema do país a partir deste fim de semana, com a estreia de uma investigação documental perpetrada pelo jornalista e cineasta Yves Goulart, também urussanguense.

Acervo pessoal

O diretor do documentário, Yves Goulart, celebrando os mais de 20 prêmios obtidos em festivais

Com o delicado "Aldo Baldin, Uma Vida Pela Música", Yves já rodou cerca de 20 festivais pelo mundo, a levar o cidadão Ilustre de sua terra natal para o centro de um debate sobre música e inclusão pelas vias da cultura. "A inteligência musical de Aldo Baldin era a sua marca e todos falam sobre isso. Ele conseguia dominar todos os estilos com facilidade", explica o realizador. "O arrebatamento está justamente no trabalho dele, em cem discos gravados. Foi o único brasileiro que trabalhou com os mais importantes maestros, como: Herbert von Karajan, Sir Neville Marriner, Helmuth Rilling e Karl Richter. É um entourage seletivo de profissionais a que poucos tiveram acesso. O filme traz justamente esses depoimentos orgânicos e sinceros, feitos por colegas e profissionais da área que reconhecem Aldo Baldin".

Estima-se que o maior presente de Aldo à sua cidade foi a gravação publicada em 1987 pela Kuarup Discos: o LP 'Heitor Villa-Lobos - Serestas, Bachianas & Canções'. Na capa, estão Aldo Baldin e a Igreja Matriz de Urussanga.

"Na época, esse LP foi finalizado com doações da comunidade urussanguense. A viúva do cantor, a violinista Irene Flesch Baldin, confessou que o desejo de Aldo era também gravar um disco com canções populares italianas para sua cidade, mas, infelizmente, não deu tempo", explica Yves. "Um curador de um festival de cinema de Nova York escreveu: 'Apesar de sua morte prematura, aos 49 anos, não há dúvidas de que a própria vida de Aldo Baldin foi a ópera mais incrível da qual ele participou".

Diretor de "Villa-Lobos por uma Soprano" (2011) e "Francisco de Assis: Uma Lição de Vida" (2014), Yves vive entre Brasil e Nova York há quase duas décadas e descobriu Baldin em 2009, quando uma amiga apresentou a ele o LP com referência a Urussanga.

"Cada pessoa que nós entrevistávamos para o filme me levava a vários Aldos Baldins: o pai, o amigo, o professor, o tenor, o filho e o artista em busca de seu reconhecimento. Aldo era extremamente tenaz em tudo que fazia. Era um verdadeiro capricorniano. A base de pesquisa para o filme foi jornalística, mas a finalização foi cinematográfica", diz Yves, lembrando que Aldo dominava Mozart, Bach, Rossini, Verdi, Mahler, Villa-Lobos, Claudio Santoro.

Quando chegou à casa de Irene, em junho de 2012, para gravar entrevistas, o diretor ganhou da companheira de Aldo três fitas cassetes gravadas por seu finado marido, alguns dias antes de ele morrer. Nos K-7s, ele narra em primeira pessoa sua trajetória desde a infância, andando descalço com frio de zero grau para ir à escola primária. Nesses áudios, ele fala ainda de sua estreia na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e relembra sua chegada ao Rio de Janeiro, morando em uma pensão na Lapa, cantando em casamentos para sobreviver. Entre as recordações, estão a conquista de uma bolsa de estudos na Alemanha e a chance de cantar com grandes maestros, como Herbert von Karajan, no Vaticano, na Missa da Coroação de Mozart. Essa gravação serve de espinha dorsal ao filme.

"O que está nas telas é um Aldo Baldin honesto, sincero e humilde, no contrapondo de sua tenacidade, persistência e resiliência. O legado do Aldo, além das suas gravações, está também na coragem dele em enfrentar sua vida artística, em enfrentar seus fantasmas", diz Yves, explicando que fez um "documentário operístico" em 8 atos. "Foi uma escolha de linguagem".

Algumas das gravações de Aldo podem ser encontradas em CDs e LPs à venda na Internet, e pouco a pouco, estão sendo republicadas no Spotify por importantes selos e gravadoras com os quais ele trabalhou durante a sua carreira. A circulação do filme "Aldo Baldin - Uma Vida pela Música" em eventos nos EUA (em Miami e NY) ampliou o interesse pelo artista.

Curta o Hsu

'Coágulo', terror queer com vampiro avesso à homofobia, é a nova experiência no formato curta do imparável cineasta sino-brasileiro, famoso por 'Desapega!'

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Se você passar por algum cinema do Rio de Janeiro e ouvir alguém gritar "Esse Hsu é doido!", saiba que um dos cineastas mais prolíficos do país – nascido em Taiwan, de família chinesa, e radicado no Catete – está no recinto, onde provavelmente uma iguaria como "Coágulo" (a mais recente expressão autoral dele) estará em vias de ser exibida. O novo filme do realizador sino-carioca conhecido por "Desapega!" (2023) e "Quem Vai Ficar Com Mário?" (2021) pertence a um formato que o circuito exibidor só costuma acolher em festivais: o curta-metragem. Apesar disso – e do oceano de convites que recebe para dirigir estrelas de fama tamanho GG -, Hsu Chien Hsin (pronuncia-se Xú Xien Xin) não arreda pé das pílulas audiovisuais.

Foi um curta, "Pietro", de 2013, que demarcou seu trânsito de assistente de direção (aliás, um dos mais requisitados e respeitados do Brasil) para realizador. Antes de debutar no comando de longas, com "Ninguém Entra, Ninguém Sai" (2017), ele rodou uma penca de títulos com cerca de 15 minutos cada, que singraram o Atlântico, como "Flerte", "Vazio" e "Alegria" entre 2014 e 2015. Muitos celebram a resiliência da comunidade queer numa reação à homofobia e a transfobia. É esse, também, o tema do experimento nas raias do terror, na tradição dos filmes de vampiro, que ele produziu há cerca de uma semana com os atores Fernando Braga e Marcio Rosário, pela Rodapé Filmes, Gorila Cinéfilo e Três Tons Visuais. Como produtores associados entram Carmo Dalla Vechia e Thomas Mehler, tendo o performer Bayard Tonelli no centro de uma narrativa que põe a caretice pra correr.

"O personagem do Carmo é um vampiro que declama versos de Augusto dos Anjos quando ataca suas vítimas. Eu criei o projeto 'Coágulo' para dar visibilidade à terceira idade queer, representada no personagem do Bayard. Ele interpreta um idoso que leva uma vida reclusa na convivência de seu filho homofóbico e, graças à ação de um vampiro, uma espécie de anjo salvador, ele se liberta e passa a viver uma vida intensa de prazer, reinventando-se na sua existência aos 80 anos", diz Hsu, que estará na seleção competitiva do Festival de Gramado, com "Querido Mundo", de Miguel Falabella, a ser exibido em 18 de agosto, na corrida pelo troféu Kikito.

Na trama de "Coágulo", um aspirante a Drácula busca intensificar a experiência sexual de suas vítimas, promovendo uma conexão mais profunda e ampliando a intimidade e o prazer no orgasmo. Marcio Rosário, parte do elenco, é quem mais tem trabalhado em curtas com Hsu. O ator e produtor santista trabalhou com o cineasta em "Bergamota", um thriller que, desde 2023, vai de um festival estrangeiro a outro, contabilizando 102 prêmios.

Divulgação

Bayard Tonelli ataca Marcio Rosário em 'Coágulo', o mais novo curta do realizador

Hsu dá instruções aos atores Carmo Dalla Vecchia e Fernando Braga no set de filamgens do curta

"Essa parceria com o Hsu, pelo fato de a gente querer fazer filmes diferentes, mesmo sem editais, é muito gratificante, pois já entramos em cerca de 145 festivais, mesmo sem incentivo de patrocinadores. Isso faz com que a gente pense muito mais em filmes globalizados, que possam ter um apelo não somente no Brasil, como em festivais do mundo inteiro. Poder fazer filmes de gêneros como o terror, num registro queer, pra gente que é fã, é gratificante", diz Rosário, que já trabalhou com Guillermo Arriaga, David Fincher e Terrence Malick.

A sanha de Hsu com curtas é inspirada em uma entrevista do diretor americano Steven Soderbergh, ganhador da Palma de Ouro de Cannes de 1989 com "sexo, mentiras e videotape".

"O Soderberg dizia que ele dirigia filmes blockbusters para ganhar dinheiro e poder bancar seus projetos autorais. O curta, para mim, é isso: um excelente formato para experimentar narrativas e linguagens, testando gêneros que eu não tive chance ainda de colocar em prática nos longas, pois trabalho muito como diretor contratado. Nos curtas, eu tenho total autonomia de experimentar e desenvolver ideias, escalar elenco e equipe com quem desejo trabalhar", diz Hsu, que se prepara para filmar a comédia musical "Falsianne", com produção da 34 Filmes, a ser rodada em Brasília. "Estou finalizando também 'A Banda', que filmei em Porto Alegre, pela Panda Filmes, além de finalizar 'Os Emergentes', uma sátira social irreverente sobre a luta de classes, com grande elenco".

Divulgação

Caravelas autorais da terrinha

Grand Tour, de Miguel Gomes, se impõe por uma fotografia exuberante em P&B e múltiplas destrezas técnicas

Grupo Estação abraça o cinema português com mostra de .docs lusos e com sessão do ótimo 'Grand Tour', do premiado Miguel Gomes, no Mubi Fest, do NET Rio, em Botafogo

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Quem passar pelos complexos cinematográficos do Grupo Estação da rua Voluntários da Pátria neste sábado terá a impressão de uma nova embaixada lusitana instalou-se ali. Nas salas 2 e 3 do Estação NET Botafogo, ali no nº 88, pérolas lusas como "A Morte de Uma Cidade", "O Ouro e O Mundo", "Astrakan 79" e "Amo-te Imenso" estarão em cartaz na mostra "Terrinha à Vista". Poucos metros à frente, no caminho para a parai, ali no nº 35 da Voluntários, o Estação NET Rio vai emprestar sua telona para uma projeção (imperdível), às 14h30, de "Grande Tour", iguaria em P&B que rendeu o prêmio de Melhor Direção ao lisboeta Miguel Gomes ao fim do Festival de Cannes de 2024. Sua exibição integra o Mubi Fest Rio de Janeiro, que mobiliza a cidade até domingo com atrações dos mais variados países.

Pelo esplendor visual em preto e branco de sua reconstituição de época e por seu rigor na análise de sanhas burguesas em terras estrangeiras, "Grande Tour" se impõe no Mubi Fest por múltiplas destrezas técnicas que excluem, à primeira vista, a intervenção do acaso na vitória de seu realizador. Crítico de cinema na década de 1990, Gomes vem angariando fãs a cada novo exercício de suas inquietudes artísticas. Sua fortuna profissional vem desde que seu longa de estreia, "A Cara Que Mereces" (2004), tomou festivais na França e na Romênia de assalto, conquistando láureas "em casa", no IndieLisboa. Na sequência, o ensaio documental "Aquele Querido Mês De Agosto" (2008) virou sensação na Semana da Crítica de Cannes, pavimentando sua história de sucesso no balneário francês.

"Eu me sinto familiarizado com outros cineastas, sobretudo os que têm um universo próprio. No caso de 'Grand Tour', percebi que estava construindo a saga de pessoas que falam muito, mas não escutam nada. No fim da montagem, entretanto, extraímos dela outros sentidos", diz Miguel ao Correio da Manhã, em entrevista via Zoom promovida pelo www.mubi.com.

Rodado parcialmente em locações, parcialmente em estúdio, para equacionar a produção em terras asiáticas, "Grand Tour" contou com três diretores de fotografia: Gui Liang, Sayombhu Mukdeeprom e o mestre lusitano da luz Rui Poças. Sua trama se passa em Mianmar (outrora Birmânia), país do sudeste asiático que foi abalado por terremotos no fim de março. O período histórico em que Miguel finca bandeira é 1918, logo após o fim da I Guerra Mundial, ainda com fantasmas coloniais pela Ásia. Ambienta sua jornada em Rangum (ou Yangon), que, àquela época, era uma cidade sob o domínio colonial britânico. Um de seus personagens centrais, o funcionário público Edward (Gonçalo Waddinton), vai parar lá após abandonar sua noiva, Molly (Crista Alfaiate) no dia em que iriam se casar. Tomado pela melancolia, ele foge das bodas num local distante do Velho Mundo, cercado de outros paradigmas culturais. Determinada a casar, Molly segue o rastro do noivo. Mergulha num mundo que não é o seu, de códigos avessos aos seus. Lá, a jovem se apaixona por si e encontra novas alegrias para rir - do seu modo peculiar.

"Meu interesse não era fazer uma reconstituição histórica, mas, sim, mostrar pessoas perdidas no tempo e no espaço", diz Miguel.

Num material promocional para a Cinemateca Portuguesa, ele explicou que a gênese do longa vem de um livro de viagens publicado pelo escritor inglês W. Somerset Maugham (1874-1965) em 1935: "A Gentleman in the Parlour". "Esse filme opera todo o tempo com oposições, que se desenham a partir do ponto de vista com que se olha para aquele território", diz Miguel, que abordou a colonização empreendida por Portugal em "Tabu", sensação da Berlinale de 2012, que saiu de lá com o (hoje extinto) troféu Alfred Bauer (dado a experimentações de linguagem) e o Prêmio da Crítica.

Neste domingo, o Mubi Fest promete arrebatar o Rio com o norueguês "Sentimental Value", que garantiu o Grande Prêmio do Júri de Cannes deste ano para Joachim Trier, dado a ele um status de potencial concorrente ao Oscar. Na trama, a atriz Nora Borg (Renate Reinsve) precisa lidar com um projeto cinematográfico ligado ao suicídio de sua mãe, rodado por seu sumido pai, o cineasta Gustav (Stellan Skarsgård). A sessão será às 21h20.

Era de ‘Aquarius’

Cinemascopio

Indicado à Palma de Ouro de Cannes, ‘Aquarius’ ganhou 47 prêmios mundo afora

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

TV Brasil exibe o cult de Kleber Mendonça Filho com Sonia Braga que virou emblema da luta contra o golpe de 2016 na estreia da excursão mundial do diretor com ‘O Agente Secreto’

Faltam três meses para “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, estrear no Brasil, com lançamento agendado para 6 de novembro, embalado numa consagradora passagem pelo 78º Festival de Cannes. Saiu de lá com quatro prêmios. Troféus de Melhor Direção e de Melhor Ator (dado ao baiano Wagner Moura) foram atribuídos pelo júri oficial da maratona europeia, chefiado por Juliette Binoche, ao mesmo tempo em que o longa-metragem com CEP no Recife recebia da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci) o Prêmio da Crítica, precedido pela láurea da Associação Francesa de Cinemas de Arte e Ensaio. Há 20 anos, Kleber iniciou seu namoro com as telas da Croisette, depois de apresentar o curta-metragem “Vinil Verde” na Quinzena de Cineasta, mas o longa que arrematou seu matrimônio com o evento, ampliando seus laços com a cinefilia do exterior, foi “Aquarius”. Ele bombou na Côté d’Azur em 2016, mobilizando crítica e público. No domingo, às 23h15, a TV Brasil vai revisitar a potência estética dessa narrativa ao exibi-lo em sua programação de fim de noite. É um golaço (ético) da televisão aberta brasileira a opção por prestigiar o cultuado thriller pernambucano que virou emblema de resistência moral nos dias que antecederam o Impeachment de Dilma Rousseff.

Exibido em Cannes na briga pela Palma dourada, com direito a cartazes dizendo “Golpe de Estado” nas escadarias do Palais des Festivals, a produção da Cinemascópio devolveu à atriz Sonia Braga holofotes tão poderosos quanto aqueles de que ela desfrutava nos tempos de “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976) e de “O Beijo da Mulher Aranha” (1985). Na Croisette, sua atuação foi comparada ao trabalho de mitos como a italiana Anna Magnani (1908-1973), estrela de “Roma, Cidade Aberta” (1945). Em 2017, Sonia ganhou o Troféu Platino de Melhor Atriz por sua interpretação na fita. Foi um dos 47 prêmios conquistados pela produção, eleito Melhor Filme no Festival de Sydney. Foi ainda a atração de abertura do Festival de Gramado, há nove anos, quando sua estrela recebeu o troféu Oscarito pelo conjunto de sua carreira.

Encontra-se em “Aquarius” uma estrutura narrativa que lembra a estética de realismo seco do cinema americano da década de 1970 - sobretudo o filme “A Conversação”, que rendeu a Palma de Ouro a Francis Ford Coppola em 1974. O roteiro escrito por Kleber explora o clima de paranoia em torno da crítica musical Clara (Sonia), uma jornalista sexagenária cujo prédio está em negociação para ser vendido - o que não vai acontecer se depender da vontade dela. Num controle cirúrgico das ferramentas da tensão, Kleber ainda arranca de Humberto Carrão uma interpretação louvável, fazendo dele uma espécie de vilão muito discreto. Ele é o herdeiro da construtora que quer comprar o prédio de Clara, usando uma série de artimanhas nada legais para fazer com que ela saia. A peleja dela para ficar é narrada em paralelo a sua rotina afetiva, com seus filhos, seus netos, seus discos e seus ensaios amorosos. Tudo isso é embalado por uma trilha sonora que vai de Roberto Carlos (“O Quintal do Vizinho”) a Queen (“Fat Bottomed Girls”), passando por Alcione (“Sufoco”). A canção “Hoje”, de Taiguara (1945-1996), demarca as margens deste incontrolável estudo sobre gentrificação – e resiliência – produzido por Emilie Lesclaux e fotografado por Pedro Sotero.

Rola ver filmes anteriores e posteriores de Kleber em diferentes streamings ao alcance de um clique. Na Netflix, encontram-se “O Som Ao Redor” (2012) e “Retratos Fantasmas” (2023). A MUBI mantém o documentário “Crítico”, de 2008, em sua grade. No Globoplay tem “Bacurau”, codirigido por Juliano Dornelles e agraciado com o Prêmio do Júri de Cannes.

Em agosto, “O Agente Secreto” passa pelo Festival de Lima, no Peru, em concurso, e flana pelas telas do TIFF, em Toronto. Na trama, um professor universitário e cientista (papel de Wagner) é alvo de uma perseguição de assassinos de aluguel (Roney Villela e Gabriel Leone) a mando de um empresário que almeja o controle de um invento que deveria pertencer ao ensino público no Recife de 1977. No último fim de semana, o longa foi premiado no Festival de Jerusalém por sua excelência no controle das cartilhas da tensão e por sua assertividade política.

Fotos Filmart/Divulgação

Corredores e stands lotados durante a realização da edição 20225 da Bienal do Livro, realizada no Riocentro

LER é a melhor receita

Bienal do Livro Rio gera R$ 1,18 bilhão para economia fluminense, revela pesquisa

Por **Affonso Nunes**

A 22ª edição da Bienal do Livro Rio confirmou sua posição como um dos principais motores econômicos e culturais do estado fluminense. Realizado entre 13 e 22 de junho no Riocentro, o evento movimentou impressionantes R$ 1,18 bilhão na economia local, cifra que representa 0,10% do PIB estadual, segundo pesquisa inédita conduzida pelo Ibmec.

Roda gigante no Book Park: novidade da edição

Os números revelam a magnitude de um festival que transcendeu há muito sua função original de feira literária para se tornar um fenômeno de múltiplas dimensões. O estudo, baseado em entrevistas com 2.897 visitantes e com intervalo de confiança de 95%, demonstra que a Bienal conseguiu atrair um público diversificado: 62% dos frequentadores são moradores da capital fluminense, 29% vêm de outras cidades do estado e 9% são turistas de outras regiões brasileiras.

"A pesquisa revela que a Bienal do Livro Rio, que já estava entre os quatro maiores eventos do Rio, é não só um Patrimônio Cultural Imaterial da cidade, mas um importante ativo de desenvolvimento econômico, social e cultural do Estado do Rio de Janeiro", destaca Milena Palumbo, CEO da GL events na América Latina, organizadora do evento junto ao Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).

O impacto econômico se distribuiu de forma significativa entre diversos setores. O comércio foi o segmento mais aquecido, registrando incremento de R$ 553 milhões, seguido pela hotelaria, que movimentou R$ 200 milhões, e pelo setor de alimentação, com R$ 163 milhões. As áreas de cultura e transporte também apresentaram números expressivos, com R$ 137 milhões e R$ 126 milhões, respectivamente.

Esta edição da Bienal introduziu o conceito inovador de Book Park, transformando o Riocentro em um parque literário onde as narrativas ganharam vida através de ativações culturais, experiências imersivas e programação interativa. A estratégia, baseada em estudos sobre hábitos de consumo e interesses dos leitores, resultou em uma experiência mais democrática, inclusiva e diversificada.

Os resultados superaram todas as expectativas anteriores. O evento recebeu mais de 740 mil visitantes e registrou a venda de 6,8 milhões de livros, crescimento de 23% em relação à edição de 2023. Mais de 700 expositores participaram da festa literária, consolidando a Bienal como um dos principais encontros do mercado editorial brasileiro.

"A Bienal é uma programação que atrai cada vez mais o público jovem, 81% têm até 34 anos. São pessoas ávidas pela leitura, que vão até lá para comprar os livros que desejam", analisa Samuel Barros, reitor do Ibmec Rio de Janeiro e coordenador técnico da pesquisa. O perfil jovem do público reflete uma tendência importante no consumo cultural brasileiro, indicando o potencial de crescimento do mercado editorial.

Particularmente relevante é o fenômeno do "turismo literário" identificado pelo estudo. Entre os visitantes de fora do município do Rio, 76% afirmaram que a Bienal foi o principal motivo para visitarem a cidade. Esse dado revela como eventos culturais podem funcionar como âncoras turísticas, atraindo visitantes que, além de participarem da programação principal, consomem outros serviços urbanos.

O efeito multiplicador do evento se evidencia nos gastos diretos associados, estimados em R$ 589 milhões pelo Ibmec, valor próximo aos R$ 535,4 milhões calculados pela Prefeitura do Rio. Esses números demonstram como um evento cultural pode irradiar benefícios econômicos muito além de seu espaço físico de realização.

A pesquisa também revelou um indicador promissor para o turismo carioca: 62% dos visitantes de fora do município declararam que certamente retornariam à cidade nos próximos 12 meses, motivados pela experiência positiva na Bienal. Esse dado sugere um potencial de fidelização turística que pode gerar benefícios econômicos duradouros para a cidade. Ponto para a economia criativa.

Praia & serra & hotéis sesc RJ & você

Viva o friozinho da serra com mais charme e conforto.

CONHEÇA OS HOTÉIS SESC RJ.

Hospede-se com
20% de desconto*
em reservas individuais.

Utilize o cupom

agosto20

Diárias a partir de
R$ 167,00, em até
10x sem juros.

DESCUBRA TODOS OS ENCANTOS
DA REDE DE HOTÉIS SESC RJ.

*Promoção válida para reservas de 1/8/2025 a 31/8/2025, para todas as categorias de usuários. Vagas limitadas e apenas para reservas diretas.

Reservas: (21) 4020-2101 @sescrio

Sesc

Amor à primeira vista

Febre nas redes sociais, o Morango do Amor chegou crocante, fotogênico e mais desejado que nunca

Por **Natasha Sobrinho** **(@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Divulgação

Sweet Design

Divulgação

Matheus Sant'Anna Confeitaria

Divulgação

Nolita Roastery

Divulgação

Artesanos Bakery

Divulgação

Mila & Jaja Gourmet

Divulgação

The Bakers

Ele é vermelho, brilhante, docinho e tem gosto de nostalgia. O Morango do Amor, chegou com tudo em uma versão atualizada da tradicional maçã do amor. Com uma cobertura crocante de caramelo e recheios que vão desde de brigadeiro branco até versões com pistache, o doce virou febre nas redes sociais e presença garantida nas confeitarias e menus afetivos. Um verdadeiro "crush" gastronômico, que prova que o amor, quando doce, sempre tem vez. Se você ainda não provou, confira abaixo o roteiro especial de onde encontrar essas delícias, que o Correio da Manhã preparou para você:

ARTESANOS BAKERY – Na conhecida padaria do Recreio também é possível achar a receita de Morango do Amor (R$ 25). Ela é feita com morangão fresco mergulhado em uma camada cremosa de brigadeiro branco e banhado por uma calda vermelha e brilhante de açúcar caramelizado, que endurece formando uma casquinha crocante, fina e delicada. Av. Genaro de Carvalho, 1435 - Recreio dos Bandeirantes. Tel: (21) 96691-0169.

MATHEUS SANT'ANNA CONFEITARIA – O chef também criou sua receita de Morango do Amor, feito com morangos selecionados envolto por uma camada de brigadeiro de leite em pó, banhado em uma calda crocante e brilhosa de caramelo. Ele também está disponível nos sabores de pistache, maracujá e chocolate (R$ 20 cada). Pedidos pelo delivery próprio: https://l1nq.com/9TX1A

MILA & JAJA GOURMET – A chef Camila Marques também criou sua receita de Morango do Amor. A fruta é coberta por brigadeiro de ninho, e é finalizada com calda vermelha de açúcar caramelizado. Além da versão clássica, a confeitaria ainda conta com a versão de maracujá (R$ 15), brigadeiro (R$ 15) e pistache (R$ 20). Encomendas pelo (21) 99009-5454.

NOLITA ROASTERY - O chef Felipe Appia também criou para o cardápio da casa sua receita de Morango do Amor (R$ 24). O doce caramelado chega em um palitinho e tem recheio de brigadeiro branco. Av. das Américas, 5000 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 9951-.5044.

SWEET DESIGN - Comandada pela chef Aline Carvalho, na Barra da Tijuca, o famoso Morango do Amor tem acabamento espelhado e estética sofisticada. A versão da casa tem feito sucesso nas redes sociais e entre os apaixonados por doces autorais. A unidade custa R$ 18,00, e pode ser pedida por encomenda pelo (21) 99553-5709.

THE BAKERS – Na delicatessen o Morango do Amor é feito com morangos frescos cobertos com brigadeiro de leite ninho e envolto por uma calda caramelada e espelhada crocante. Ele custa R$ 24,90 a unidade na loja e R$ 26,90 no iFood. Rua Santa Clara, 86 - Loja B – Copacabana. Tel: (21) 3209-1212.

Renato era tão jovem

Premiado musical com canções da Legião Urbana estreia em Brasília

Por Mayariane Castro

Divulgação

Espetáculo já foi visto por nove mil pessoas pelo país

O musical "Como é que se diz Eu Te Amo" será apresentado pela primeira vez em Brasília nos dias 9 e 10 de agosto, no Teatro Unip. O espetáculo é ambientado em 1999 e acompanha a trajetória de um grupo de jovens no último ano do ensino médio, em meio aos dilemas de identidade, descobertas, afetos e sonhos. Com mais de 30 canções da Legião Urbana executadas ao vivo, a montagem combina música, dramaturgia e coreografias para resgatar um período marcante da juventude brasileira.

A dramaturgia e produção são assinadas pelo paraense Leonardo Corrêa, que já levou o espetáculo a cidades como Belém, Macapá e São Paulo, e já emocionou mais de nove mil espectadores em temporadas anteriores. Em sua 13ª temporada, a produção chega à capital federal com novas encenações e arranjos musicais inéditos, com direção musical de Wanessa Solli, que também assina os arranjos. A direção de cena é compartilhada por Corrêa e pela atriz Francis Helena Cozta, que atua na montagem.

O elenco reúne 19 artistas entre atores e músicos. Destacam-se os nomes de Caio Paduan, ator premiado e conhecido por trabalhos na televisão e cinema; Francis Helena Cozta, que interpreta papel duplo como atriz e diretora; Arthur Alavarse, também presente na obra audiovisual "Paulo, O Apóstolo"; e o cantor Palma Jr., que assume o vocal como intérprete das músicas da Legião Urbana.

Transição para a vida adulta

Espetáculo vai aos anos 90 para abordar momento de transição

Divulgação

Trinta canções de Renato Russo são apresentadas

No palco, a parte musical ao vivo é garantida pelos músicos Ivan Daniel, Júnior Bogea e Wanessa Solli, compondo uma experiência de espetáculo que mescla atuação e execução ao vivo.

O enredo apresenta jovens que vivenciam o último ano do colegial em 1999, período que simboliza transição entre adolescência e vida adulta, e reflete sobre a busca por identidade, pertencimento e autoconsciência.

A narrativa aborda questões sociais como preconceito racial e homofobia, e propõe reflexões sobre o papel da juventude frente às transformações pessoais e coletivas.

A estrutura dramática intercala cenas de confronto, romance, amizade, tensão e reconciliação, intercaladas com canções de forte carga emocional, tocadas com arranjos inéditos. Coreografias elaboradas acompanham os números musicais e reforçam a atmosfera dos anos finais do milênio.

O espetáculo foi reconhecido ainda com o Prêmio Nacional Brasil Musical em 2018, na categoria Norte, marcando sua trajetória como um dos destaque do teatro musical brasileiro. Desde então, novas temporadas foram encenadas, com produção e repercussão crescente, chegando agora a Brasília em sua temporada de número 13. A montagem é apresentada como uma produção que mistura elementos de drama, humor e poesia, sem recorrer à adjetivação excessiva, e busca tratar temas universais por meio de uma linguagem que combina cena e música de forma orgânica.

A duração total do espetáculo é de 2 horas e 20 minutos, incluindo intervalo de 15 minutos. A classificação indicativa é de 14 anos. O Teatro Unip abrirá suas portas uma hora antes do início de cada sessão. No sábado, dia 9 de agosto, a apresentação terá início às 19h; no domingo, 10 de agosto, será às 18h. Os ingressos estão disponíveis exclusivamente pela plataforma Sympla, por meio do link específico para o evento.

Identificação

A proposta do musical ultrapassa o tributo à Legião Urbana: busca, por meio de uma encenação que dialoga com questões da juventude do passado recente, construir um espaço de identificação com plateias contemporâneas. Ao reviver clássicos da banda dos anos 1980 e 1990 numa trama que reflete os dilemas dos jovens de 1999, a montagem busca provocar memórias e provocar o espectador a questionar temas como descoberta pessoal, pertencimento e transformação social.

Jéssica Lima / Divulgação

Grupo Nutra Teatro leva intervenções de rua a 15 Regiões

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

TEATRO

Intervenções de rua

✱O Grupo Nutra Teatro celebra 19 anos com intervenções artísticas gratuitas em 15 Regiões Administrativas do Distrito Federal. Com apoio do Fundo de Apoio à Cultura (FAC), palhaços levarão cenas espontâneas a ruas, praças e mercados, promovendo riso e conexão com o público. Além das intervenções, o projeto inclui produção de e-book, vídeos e espetáculos, reforçando a pesquisa teatral do grupo. As ações ocorrem até dia 5 de agosto, em locais de grande circulação, como a Feira Hortifruti de Planaltina e o Mercado do Núcleo Bandeirante.

Teatro de sombras

✱Neste mês, Planaltina recebe a Mostra Lumiato, com sessões gratuitas de teatro de sombras da Companhia Lumiato Teatro, referência nacional e internacional na linguagem. A programação, no Complexo Cultural de Planaltina, inclui os espetáculos "Iara – O Encanto das Águas", "2 Mundos" e "Memória Matriz", abordando temas como cultura indígena, colonização e memórias femininas. Voltada a estudantes e à comunidade, a mostra promove arte, reflexão e acesso à cultura fora do centro de Brasília. A entrada é gratuita.

FESTIVAL

Na Praia

✱No domingo (3), o pedacinho da Itália à beira do Lago Paranoá promete transformar o Na Praia Festival em um verdadeiro festival de ritmos e emoções. Pode até não ter tacacá, mas vai ter muito Calypso com a energia contagiante de Joelma. A noite ainda traz Pabllo Vittar, com banda, em show repleto de hits e coreografias marcantes. Para completar o line-up, o forró envolvente de Taty Girl vai garantir que ninguém fique parado. Ingressos a partir de R$ 109.

Festival Itinerante

✱O Festival Itinerante da Juventude Negra será realizado em agosto com oficinas e apresentações culturais gratuitas em quatro regiões do DF. A programação oferece atividades de teatro, dança e circo, além de seleção pública com premiação. O circuito começa em Santa Maria, de 5 a 9 de agosto, com oficinas durante a semana e apresentações nos dias 8 e 9. Em seguida, passa por Ceilândia (12 a 15), Sol Nascente/Pôr do Sol (19 a 22) e Taguatinga (26 a 29).

Divulgação

Pabllo Vittar, Joelma e Taty Girl são atrações do Na Praia

Festival de inverno

✱O Cadê Chiquita encerra o inverno com a última edição do Festival de Inverno 2025 nesta sexta (1º), no Iate Clube de Brasília. A festa começa às 18h com happy hour e segue com shows de Marquinho Vital, Thiago Nascimento, Fellipe Souljah e DJ Nego Rica, em noite de música e celebração.

Superjazz Festival

✱O Superjazz Festival 2025 encerra sua temporada em 6 de agosto, às 17h, nos jardins do CCBB Brasília, unindo rap, jazz e música instrumental local. A programação traz Larissa Umaytá, Coletivo Superjazz com GOG e Beto Barreto

Gardenia Passos

Filhos do Brasil levam Axé baiano para Brasília

Divulgação

Exposição O Que Nos Toca

Divulgação

Superjazz Festival

Rafael Fernandes

JK Shopping recebe exposição sensorial

Diego Bresani / Divulgação

Teatro de Sombras em Planaltina-DF

(BaianaSystem), além de DJs, vinis, cine ao ar livre e pôr do sol no CCBB.

SHOW

Filhos do Brasil no DF

✱A 5ª Feira Nacional da Uva e do Vinho de Brasília recebe neste sábado (2) a banda baiana Filhos do Brasil, formada por João Lucas, Migga, Pierrinho e Raysson Lima, herdeiros do axé. O show no Parque de Exposições de Planaltina terá sucessos do gênero e autorais, no mesmo dia de Claudia Leitte.

PROJETO

Rock e reflexão

✱O projeto Escola + Cultura segue até 29 de agosto levando magia, música e diálogo para escolas do DF. A programação inclui palestra de Eclen Souza sobre carreira e propósito, show do mágico Alexandre Rasa e banda SQQ Rockids. A iniciativa promove autoestima e criatividade em alunos de até 15 anos.

Samba e charme

✱O projeto Andanças Urgentes, parceria do grupo Samba Urgente com o Coletivo Andanças, promove encontros de samba e dança charme em espaços públicos do DF. A estreia será em 9 de agosto na Galeria dos Estados, com DJ, oficinas, feira e show do grupo.

Projeto Brasilidades

✱Renata Amaral é a próxima convidada do Projeto Brasilidades – As Ciências Populares, que acontece em 2 de agosto, às 17h, no terreiro do grupo Seu Estrelo (813 Sul). Pesquisadora e criadora do Acervo Maracá, Renata apresenta aula-espetáculo sobre ancestralidade e memória. A noite segue com Folia de Reis.

EXPOSIÇÃO

O Que Nos Toca

✱De 5 a 15 de agosto, a Galeria Espelho D'Água da Câmara Legislativa do DF recebe "O Que Nos Toca", exposição inédita de Bety Alvarenga. A mostra apresenta 15 obras em 3D feitas com Arte Francesa, permitindo toque e explorando texturas para inclusão de pessoas com deficiência visual. Cada peça, em relevo, traz releituras de Michelangelo, Da Vinci, Frida Kahlo e Tarsila do Amaral, com recursos em Braile e audiodescrição. O programa educativo oferece visitas guiadas, transporte gratuito e mediação acessível, convidando também videntes a experimentar a arte pelo tato. Entrada franca.

Exposição Dentro Afora

✱De 1º a 10 de agosto, a exposição multiartística "Dentro Afora", de Gabriel Guirá e Nath Britto, ocupa espaço sensível ao dialogar com infâncias sobre pertencimento no no Museu da República. Com obras próprias e criações com crianças do Brasil e da Itália, traz dobraduras, desenhos e instalações que exploram memória e imaginação.

Sob os pés do mundo

✱De 5 a 15 de agosto, o Museu Nacional de Brasília recebe "Sob os Pés do Mundo", exposição sensorial com 17 obras táteis que retratam calçadas e espaços públicos do DF. Criada com participação de pessoas cegas e de baixa visão, a mostra usa toque, audiodescrição e Braille para promover acessibilidade, empatia e novas formas de perceber a cidade.

Exposição sensorial

✱Até o dia 7 deste mês, o JK Shopping recebe a exposição Sensibilità, de Claudia Bertolin, com obras em vidro e metal que exploram tato, olfato, paladar e audição. A mostra é inclusiva, com audiodescrição, Braille e visitas guiadas com intérpretes de Libras, e inclui criações de pessoas com deficiência visual em oficinas. Entrada gratuita e classificação livre.

Imagens e sons da terra

No mês da fotografia, mostra retrata ancestralidade africana

Por Mayariane Castro

Luiz Alves/Divulgação

Luiz Alves tem autorização especial para fotografar os terreiros

A exposição fotográfica "Sons da Terra: Começo, Meio e Começo" será inaugurada no dia 5 de agosto no Museu da República, em Brasília.
A mostra integra a programação do Festival Mês da Fotografia 2025 (FMF) e segue em cartaz até 7 de setembro. Com curadoria de Luazi Luango, a exposição reúne 50 imagens do fotodocumentarista Ògan Assogbá Luiz Alves e propõe um olhar documental sobre as religiões de matriz africana, o cotidiano dos terreiros e suas conexões com a cultura popular, especialmente o samba.

A exposição faz parte de uma edição especial do FMF, que neste ano tem como tema "O que Vemos Quando Escutamos".
A proposta geral do festival envolve quatro exposições voltadas para inclusão, ancestralidade e criação poética. "Sons da Terra: Começo, Meio e Começo" também integra o Festival Tardezinha do Samba, idealizado pelo músico Marcelo Café, com foco na relação entre as expressões religiosas e musicais de origem africana.
Luiz Alves, conhecido no candomblé como Ògan Assogbá Azawany Fareji — ou Cuidador da Terra — tem 66 anos e vive em Resende (RJ). O fotógrafo tem mais de quatro décadas de atuação na fotografia social. Começou sua carreira no Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda em 1984, atuou no Congresso Nacional. Seu primeiro prêmio nacional de fotografia foi em 1983, no Concurso Nacional dos Economiários do Paraná.

Ferramenta contra o racismo

Trabalho de Ògan Ossogbá tem importância social

Luiz Alves iniciou sua trajetória na fotografia social nos anos 1980. Premiado nacionalmente, atuou em coberturas políticas, movimentos sociais e manifestações religiosas.

Sua atuação como fotógrafo de religiões de matriz africana começou antes de sua iniciação no candomblé, sendo posteriormente reconhecida como missão espiritual.

Ainda antes de sua iniciação religiosa, Alves já fotografava terreiros de candomblé de forma restrita.

Segundo o próprio fotógrafo, foi durante o processo de iniciação, no espaço conhecido como roncó, que recebeu autorização espiritual para retratar os espaços de axé com liberdade.

A orientação partiu de sua avó de santo, Doté Zezinho da Boa Viagem. De acordo com Alves, naquele momento entendeu que sua missão seria utilizar a fotografia como ferramenta de enfrentamento ao racismo religioso.

Luiz Alves/Divulgação

Imagens do cotidiano das religiões de matriz africana

Registros do cotidiano

A exposição traz registros do cotidiano, rituais e celebrações de terreiros em Brasília, com destaque para a série "Mo Dudú", que significa "sabedoria negra" em iorubá. A proposta é oferecer um acervo que contribua para a preservação da memória das tradições afro-brasileiras, além de funcionar como fonte de consulta para pesquisadores e estudiosos.

Para o babalorixá Pai Ricardo de Odé, que acompanha o trabalho do fotógrafo, a produção de Luiz Alves cumpre papel importante ao documentar o universo simbólico e ritual das comunidades de terreiro.

Segundo ele, o material construído por Alves contribui para a formação de um arquivo que poderá ser utilizado por futuras gerações.

A curadoria da mostra está a cargo de Luazi Luango, pesquisador, gestor da Kitanda Cultura de Terreiro e líder de candomblé Angola Kongo. O trabalho curatorial baseia-se na filosofia quilombola do intelectual Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo.

A partir da ideia de que a cultura de matriz africana é cíclica, marcada por movimento constante de começo, desenvolvimento e recomeço, Luango propõe uma leitura das imagens que valorize os saberes tradicionais em seu contexto original.

Em sua declaração sobre o processo curatorial, Luango ressalta a importância da exposição como um lugar de encruzilhada de saberes. Ao acessar os registros fotográficos de Luiz Alves, o curador buscou refletir a memória coletiva do povo de axé.

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 1 a domingo, 3 de Agosto de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.822

Nutra Teatro faz intervenções em 15 regiões do DF

PÁGINAS 8 E 9

Musical inspirado na Legião Urbana chega a Brasília

PÁGINA 15

"Sons da Terra" expõe em Festival Mês da Fotografia

PÁGINA 16

2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Alcione

Para aquecer A CIDADE

Paulinho da Viola

Teresa Cristina

Marina da Glória recebe o último fim de semana do Enel Festival de Inverno Rio com 15 atrações musicais

Frejat

Liniker

Caetano Veloso

Os Garotin

Por Affonso Nunes

A provisão do tempo no Rio para este fim de semana indica que podemos ter temperaturas de 16° graus à noite. Mas a oitava edição do Enel Festival de Inverno Rio chega a seu segundo fim de semana na Marina da Glória com um line-up capaz de aquecer a alma. Serão ao todo 15 atrações musicais de sexta a domingo (1 a 3) numa estrutura montada diante exuberante paisagem da Baía de Guanabara.

Na sexta, Liniker apresenta sua turnê Caju, que inclui sucessos como "Tudo" e "Veludo Marrom". O pagodeiro Ferrugem celebra dez anos de carreira com clássicos como "Pirata e Tesouro", enquanto Pedro Sampaio promete transformar a noite em pista de dança com "Dançarina" e releituras de sucessos do pagode e axé.

O sábado será dedicado ao samba com Paulinho da Viola no show "Quando o Samba Chama", interpretando "Foi um Rio que Passou em Minha Vida", "Argumento" e outras pérolas de seu repertório. Teresa Cristina estreia no festival com "Jessé - As Canções de Zeca Pagodinho", projeto que antecipa álbum em homenagem ao sambista. Vanessa da Mata apresenta repertório do disco "Vem Doce", enquanto o premiado trio Garotin navega entre soul, MPB e R&B.

No domingo, Caetano Veloso comanda a noite com mais de 20 canções, incluindo "Alegria, Alegria" e "Reconvexo". Alcione traz sucessos como "A Loba" e novidades do álbum homônimo em show com particupação da Velha Guarda da Mangueira, enquanto Frejat reúne sucessos da carreira solo e revisita a lendária parceria com Cazuza em "Exagerado" e "Pro Dia Nascer Feliz".

SERVIÇO

ENEL FESTIVAL DE INVERNO RIO
1 a 3/8
Marina da Glória
Ingressos a partir de R$ 360 e e R$ 180 (pista meia entrada)

Fernando Young/Divulgação